

## Literatura Brasileira

## ENTREVISTA

LUIZ RUFFATO  
ESCRITOR

## Ubiratam Brasil

Luis Ruffato já trabalhava em *Flores Artificiais* quando protagonizou um dos momentos mais marcantes de sua carreira: o surpreendente, mas honesto, discurso na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, em outubro do ano passado. Ao escancarar de forma coerente e impiedosa as mazelas nacionais, quando um tom ufanista era mais esperado especialmente pelos estrangeiros, Ruffato conquistou tanto um respeito como um ódio embrulhado pelo desprezo, vindo até mesmo de seus pares.

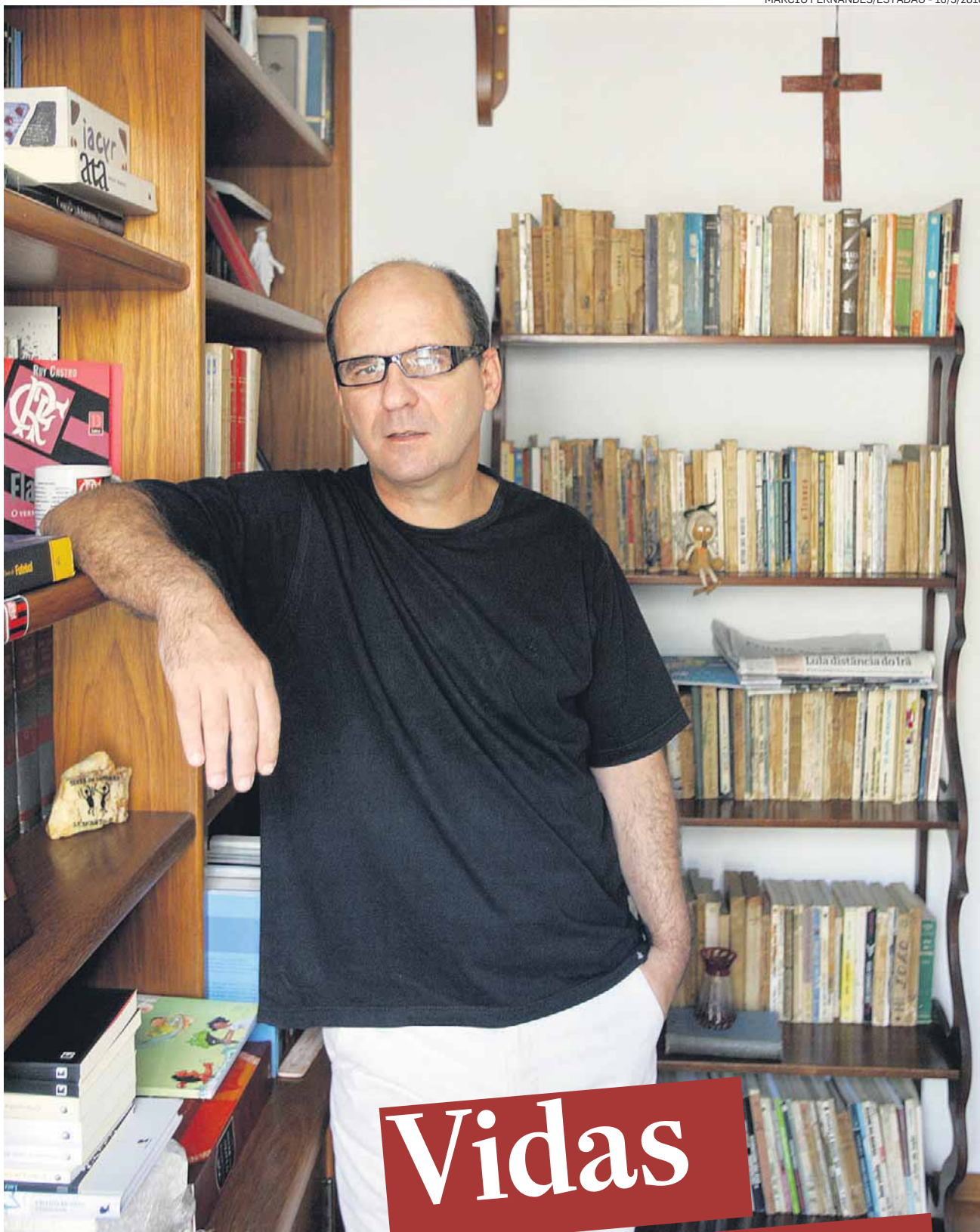
“Os ataques pessoais que sofri e as represálias oficiais só comprovam meus argumentos”, diz ele na seguinte entrevista, concedida por e-mail. De fato, o escritor, com essa passagem em sua biografia, até poderia ser um personagem de *Flores Artificiais*, coletânea de momentos decisivos na vida de pessoas que, embora sejam de nacionalidades distintas, padecem de problemas semelhantes, inerentes à condição humana contemporânea.

E, ao traçar a biografia de seu alter ego Dório Finetto, Ruffato amarra a narrativa ao convencer o leitor da validade de se contar e de se publicar aquelas histórias, uma vez que o próprio Finetto poderia ser personagem de si mesmo, por conta de sua tortuosa trajetória – filho caçula de uma família pobre, nascido no interior de Minas, ele consegue fugir do destino dos irmãos – que é ficar na roça – para estudar em uma cidade maior. De Minas para o Rio e dali para o mundo, são saltos dados por um menino (depois um homem) fechado em suas verdades, com incrível disposição para escutar relatos doloridos, que se espelham com sua própria vida.

Ruffato diz que, com *Flores Artificiais*, dá prosseguimento à questão do desenraizamento, cada vez mais comum em uma sociedade planetária visceralmente unida pela tecnologia, mas cada vez mais marcada pela despersonalização. As narrativas contadas por Finetto (e reproduzidas por Ruffato) revelam a importância das raízes, das origens, na vida de cada pessoa. Afinal, em

Beirute, um corculento argentino ainda busca explicações para seu distanciamento da família, que pereceu longe de seus olhos. Ou, em Juiz de Fora, o narrador desfia o passado de outro homenzarão, um inglês de ascendência escocesa, esfarrapado, com cicatrizes incuráveis na alma, inquieto por não conviver em paz com o próprio passado.

“Optei pelo título *Flores Artificiais* porque elas são belas, mas feitas para enganar os

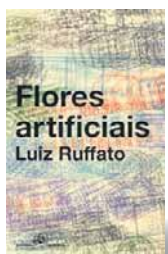


MARCIO FERNANDES/ESTADÃO - 16/3/2010

## Vidas solitárias

Em ‘Flores Artificiais’, relatos pessoais formam peças de um quebra-cabeça que revive trajetória do narrador

olhos, mas não os outros sentidos. Como as histórias que Dório conta, escritas para acharmos que ele está contando a história do outro, quando ele está contando a própria história”, observa Ruffato, que, na obra, comprova ter consolidado o domínio da escrita ao tingir com lirismo confissões atordoantes, sem que isso desperde a condescendência no leitor – na verdade, o resultado demonstra como é enorme o número de pessoas que padecem do mesmo mal, ainda que se julguem espécies raras.



**FLORES ARTIFICIAIS**  
Autor: Luiz Ruffato  
Editora: Companhia das Letras (152 págs., R\$ 34, papel e R\$ 24, e-book). Lançamento dia 25/6, Livraria Cultura (Av. Paulista, 2073), 18 h

● **De que forma a inadaptabilidade apresentada em *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*, seu livro anterior, dá o tom de *Flores Artificiais*?**

Todos os meus livros, de uma forma ou de outra, tratam de uma única questão: o desenraizamento.

Este tema principal está presente em *Eles Eram Muitos Cavalos*, está presente no *De Mim Já Nem se Lembra*, que terá uma reedição pela Companhia das Letras ainda neste ano, e está pre-

sente no projeto *Inferno Provisório*. O que houve é que em *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* ampliei esse olhar acompanhando o personagem, um imigrante brasileiro, no exterior. Até então, havia me dedicado a tentar entender esse processo de desenraizamento dentro do Brasil. Com *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*, comecei a fazer esse novo caminho, que em *Flores Artificiais* eu aprofundo. Esteja onde estiver, a sensação é sempre de ocupar um não lugar. É isto que meu novo romance propõe.

● **É curioso que, em meio a tantos depoimentos distintos, é possível montar um perfil, ainda que bem imperfeito, de Dório Finetto. Era sua intenção deixá-lo quase ausente em todo o romance?**

A minha proposta em *Flores Artificiais* é oferecer ao leitor elementos para que ele monte uma espécie de biografia de um engenheiro que trabalha como consultor da ONU para assuntos de infraestrutura. E a história desse meu conterrâneo vai se construir pelo olhar que ele dedica à vida dos outros. Ao final, queria que o leitor conhecesse profundamente a história de Dório Finetto somente pela reação dele diante da fragilidade das histórias que conta.

● **Sendo coerente ao seu trabalho, você, acredita, exercita aqui um experimentalismo formal e trata novamente da questão de pertencimento, estou certo?**  
Sim, não consigo, em pleno século 21, representar a realidade

de como se estivéssemos no século 19 ou 20. A percepção do espaço e do tempo mudaram radicalmente. O espaço é o que nosso corpo ocupa não na amplitude, mas na exiguidade. O tempo não é mais sentido sucessivamente, mas simultaneamente. E isso, evidentemente, também se aplica na apreensão que temos do outro. O outro não nos surge de maneira completa, conhecemos o outro por meio de restos ou retalhos de biografias... E é a representação dessa nova forma de apreensão da realidade que venho perseguindo desde *Eles Eram Muitos Cavalos*.

● **Por que o escritor Ruffato escolheu, dentre aquelas recebidas de Finetto, as histórias mais agri-doces?**

Não sei se as histórias são agri-doces... O escritor Luiz Ruffato escolheu, entre as histórias enviadas por Dório Finetto, as que considerou as mais representativas de nossa época. Mas as que ficaram de fora, e que talvez um dia venham a ser publicadas também, num

## TRECHO

“Eu já não era uma mulher que carrega nome e sobrenome...”

...professora aposentada, casada, mãe de dois filhos, francesa, mas um corpo mergulhado num instante único... Não havia passado, pegadas deixadas por alguém que não fomos. Nem futuro, mera projeção de nossos desejos... Para além do tempo e do espaço, eu habitava o presente absoluto! E caiu em silêncio. Perguntei se queria mais café, não respondeu, exausta e alheada. Lá fora, a chuva parecia ter amainado. Quem voltou a Paris no dia seguinte não era a mesma pessoa, apesar de o passaporte insistir que sim... Tudo tinha se tornado tão... prosaico... tão... vulgar... Eu poderia dizer que após essa experiência não me preocupava mais com minha finitude, porque, de alguma maneira, havia colocado o pé na eternidade. Mas estaria mentindo... Somos humanos, insaciáveis... Estou aqui de novo porque quero tentar repetir aquela sensação de... de felicidade? Não sei... No fundo, talvez a morte seja isso, uma espécie de presente absoluto...”

segundo volume, são muito interessantes. De qualquer forma, respondendo à sua pergunta, a vida talvez seja agridãoce...

● **Você já disse uma vez que acredita ser fundamental o título de um livro. Como escolheu especificamente esse? Na verdade, são dois títulos de livro, certo?**

Na verdade, o título do livro que Dório Finetto escreveu é *Viagens à Terra Alheia*. Mas o escritor Luiz Ruffato achou que dava uma falsa pista para o leitor, porque, antes de ser uma viagem concreta a países e histórias do outro, trata-se de uma viagem interna, uma viagem de autoconhecimento. Então, em vez de manter o título dele, optei por *Flores Artificiais*. Elas são belas, mas não são vivas. São feitas para enganar os olhos, mas não os outros sentidos. Como as histórias que Dório conta, escritas para acharmos que ele está contando a história do outro, quando ele está contando a própria história...

● **Passados alguns meses desde seu discurso na abertura da Feira de Frankfurt, em que você foi mais contestado que propriamente os dados ali apresentados, o que ficou de positivo e negativo daquela experiência?**

Meu discurso foi o de alguém que acredita no papel que o intelectual deve exercer no âmbito da sociedade. Ninguém contestou a sério os dados apresentados que mostram um Brasil machista, homofóbico, racista, sexista, hipócrita, violento, intolerante. Os ataques pessoais que sofri e as represálias oficiais só comprovam os meus argumentos.

## Babel | Maria Fernanda Rodrigues MARIA.F.RODRIGUES@ESTADAO.COM

blogs.estadão.com.br/babel

## PESQUISA

### Venda de livros porta a porta cresce e infantis lideram lista

Existem hoje no País 30 mil profissionais que vão, de porta em porta, vendendo livros. Se antigamente a prática era mais usada para a comercialização de enciclopédias, agora os livros infantis e juvenis lideram a preferência do brasileiro que abre sua casa para editoras, crediárias e atacadistas. De acordo com uma pesquisa encomendada pela Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL), que congrega esses três tipos de empresas, ao Instituto de Pes-

quisa Amigo, a venda de títulos para crianças representou 46,9% do faturamento das associadas em 2013. Em seguida, estão obras de referência (28,6%), livros técnicos (8,8%), literatura/pedagógicos (7,8%), religiosos (4,8%), autoajuda (1,6) e outros (1,6). Ainda segundo a pesquisa, a venda no porta a porta cresceu 9,38% entre 2012 e 2013 e o faturamento do setor superou R\$ 1 bilhão. Para 62,6% dos entrevistados, o Vale Cultura pode dar novo impulso ao segmento.

**9,8%**  
FOI O AUMENTO REGISTRADO PELO SETOR NO ANO PASSADO

## INDEPENDENTE

### Produção em rede

A e-galáxia, um ano de vida, e a Bookstorming, que está fazendo um mês, unem esforços para uma maior presença no mercado editorial e para o fortalecimento da autopublicação.

Com a parceria, autores que quiserem publicar seus livros pela plataforma de financiamento coletivo Bookstorming terão, automaticamente, os e-books produzidos e distribuídos para as principais e-books-toras pela e-galáxia.

Mas quem quiser publicar diretamente em digital pela e-galáxia e não puder pagar por isso poderá entrar na onda do crowdfunding e fazer uma varquinha entre os amigos.

## BLOOMSDAY

### Introdução a Joyce

Hoje, abrindo os trabalhos do Bloomsday, celebrado na segunda, Marcelo Tápia faz a palestra James Joyce – Um Breve Itinerário de Leitura, às 16 h, na Casa Guilherme de Almeida.

## INFANTIL - 1

### Poemas narrados

Em 2010, o escritor José Santos e seu filho Jonas Worcman de Matos, à época com 14 anos, lançaram *Show de Bola*, com poemas sobre futebol (*leia alguns no blog*), pela FTD. Amanhã, no Museu da Língua Portuguesa, eles lançam a versão interativa da obra para iPad. Além de ler os poemas, será possível ouvi-los na voz de seus autores e também em inglês e espanhol.



## INFANTIL - 2

### Abrigo seguro

O ano de 2010 também foi marcante para a Nobel Toni Morrison, que perdia o filho Slade, de 45 anos, para o câncer. Eles escriviam juntos livros para crianças e o último deles, *O Que Me Diz, Louise?*, com ilustrações de Shadra Strickland (*acima*), será lançado em outubro pela Globinho. Ele conta a história de uma garota que se refugia em biblioteca num dia chuvoso.

## POLÍTICA

### Campanhas esmiuçadas

A jornalista Katia Saisi lança, em agosto, *Campanhas Presidenciais, Mídia e Eleições na América Latina: Brasil, Chile e Venezuela*, baseado em sua tese de doutorado em Política, na PUC. Sairá pela novata Medianiz.

## ROMANCE

### Vida reinventada

Em 2015, a Rocco publica *A Replacemnt Life*, livro de estreia de Boris Fishman, nascido na ex-URSS em 1979 e radicado nos EUA. A história do jornalista russo Slava Gelman que forja, em Nova York, pedidos de indenização para judeus imigrantes que não sofreram exatamente com o holocausto já é sucesso de crítica nos EUA.